

FHC

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

'Roda Viva'

• "Roda Viva", da TV Cultura de São Paulo, é o mais antigo programa de entrevistas da televisão. O presidente Fernando Henrique escolheu-o para o seu primeiro diálogo ao vivo com um seletivo grupo de jornalistas, na noite de segunda-feira. Não fez revelações retumbantes, mas mostrou-se de corpo inteiro, abordando com a habitual competência os assuntos que os entrevistadores educadamente lhe propuseram.

Fernando Henrique é um grande comunicador, um dos melhores do mundo político brasileiro. Não tem a verve de Rafael Greca, prefeito de Curitiba, nem o fogo de artifício de idéias insólitas do senador Darcy Ribeiro, mas é mais objetivo que ambos e, sobretudo, mais sintético.

Tampouco coloca no que diz o fogo da paixão de Maria da Conceição Tavares, e ainda bem, porque um país governado em ebulição permanente pode acabar por evaporar-se. É sóbrio, e mesmo que nem sempre diga toda a verdade, passa a sensação de estar convencido do que diz.

Além disso, dá a impressão de conhecer bem os assuntos que trata, senhor dos seus dossiês, como diriam os franceses, não enveredando na desconversa que atrai os políticos inseguros.

enxergar barganhas e fisiologismo nas negociações do Governo com o Congresso amesquinha a vida pública e iguala por baixo todos os políticos.

— Acaba o povo votando em maus candidatos, porque é convencido a pensar que todos são iguais — disse.

Um palco favorável ao monólogo, como o de uma entrevista sem limites de tempo para as respostas, oferece excelente oportunidade para a autopromoção e Fernando Henrique não é de perder a chance de bater no próprio bumbo. Falou na revolução silenciosa que estaria ocorrendo na educação de Primeiro Grau, com 50 mil aparelhos de TV nas escolas e a entrega de dinheiro diretamente às diretoras, eliminando a intermediação política, nos programas de saúde preventiva do dr. Jatene e na diminuição da mortalidade in-

Alías, por falar em franceses, o presidente, que se tem ultimamente dedicado a recuperar antigos xingamentos, como bocó e beócio, usou várias vezes a palavra "platitude". É um tremendo galicismo, que vem de *palt*, chato, e quer dizer tanto chaturas como mesmices. Sugiro que mantenha o hábito de enriquecer o vocabulário corrente. Poderia, talvez, chamar o Luís Eduardo Magalhães de janota, o Murilo Portugal de sovina e o José Serra de iracundo. O Sérgio Motta é boquirroto mesmo, como o presidente explicou, ao dizer que não tem línguas de aluguel, não manda recados aos seus ministros por terceiros e se quer dizer alguma coisa por interposta pessoa, usa o embaixador Sérgio Amaral, porta-voz oficial.

Um aspecto agradável da entrevista foi a atuação dos entrevistadores. Cada um falou na sua vez, não fizeram discursos paralelos, não fizeram perguntas desnecessariamente agressivas e todas foram minimamente pertinentes. Tendo em vista a falta de educação e a ignorância ambiente, foi uma surpresa civilizada.

O assunto inicial foi, claro, a hipótese da reeleição. O presidente disse que a imprensa o acusa de só pensar nisto, quando, a seu ver, quem só pensa em reeleição somos nós, jornalistas. É a favor do princípio, conversa com os líderes sobre o assunto, mas assegura que tem mais o que fazer — batalhar pela aprovação da reforma administrativa, por exemplo. Crítico, reclamou de lhe atribuírem intenções geralmente pejorativas.

— Estou cansado de descobrir pela imprensa o que penso e quais são as minhas intenções — disse. — Eu penso isto mesmo que estou dizendo. Precisamos acabar com o hábito de atribuir intenções aos governantes, que devem ser julgados pelos seus atos.

Segundo Fernando Henrique, a prática jornalística de

fantil.

Fez, ainda, confidências sobre os momentos críticos que viveu, com a crise cambial decorrente da falência mexicana, e das tensões provocadas pela greve dos petroleiros.

Não sendo a autocritica um hábito brasileiro, o presidente não se arrepende das suas decisões. Segundo ele, o Proer, que custou dez bilhões, teria sido um preço barato para preservar o sistema bancário. No Chile, na Venezuela e nos Estados Unidos as crises bancárias teriam custado muito mais. Em relação ao PIB brasileiro, a dívida interna, que cresceu muito mais depressa que as reservas cambiais e portanto não pode ser atribuída ao acúmulo de divisas, é ainda pequena.

A opinião denota a influência do filósofo Pangloss, oráculo do bom Cândido, no pensamento do presidente. Era ele quem provava admiravelmente que não existe efeito sem causa, nem causa sem efeito, estando tudo da melhor maneira no melhor dos mundos possíveis.

Por falar no mundo, é quando se refere aos assuntos internacionais que a performance de Fernando Henrique mais se destaca. Revelou que mantém com os líderes do G-7 um intenso diálogo epistolar, especialmente sobre as possibilidades de controlar o fluxo eletrônico de capitais voláteis, que podem desequilibrar a política de qualquer banco central. Acha esse tipo de contato, direto e pessoal, muito mais interessante que a obtenção de um lugar no Conselho de Segurança da ONU. A ONU só interessaria se fosse mudada.

Acusado de ser lento na tomada de decisões, forma delicada de atribuir-lhe insegurança, o presidente lembrou Ulysses Guimarães, que dizia estar fadado ao fracasso o político que não soubesse jogar com o tempo. Concluiu:

— Eu sou o senhor do meu tempo.